



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

FILOSOFIA LICENCIATURA

ASPECTOS DA LIBERDADE EM ESPINOSA

CINDY ALINE NEHRING SOBRINHO

**FOZ DO IGUAÇU
2020**



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

FILOSOFIA LICENCIATURA

ASPECTOS DA LIBERDADE EM ESPINOSA

CINDY ALINE NEHRING SOBRINHO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

ORIENTADOR: PÓS-DOCTORADO EM FILOSOFIA
GONZALO PATRICIO MONTENEGRO VARGAS.

FOZ DO IGUAÇU
2020

CINDY ALINE NEHRING SOBRINHO

ASPECTOS DA LIBERDADE EM ESPINOSA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR: GONZALO PATRICIO MONTENEGRO VARGAS

IDETE TELES DOS SANTOS

MARIA CECÍLIA BRAZ RIBEIRO DE SOUZA

FOZ DO IGUAÇU, ____ de _____ de ____.

Dedico este trabalho à minha querida filha
Anne Sofia, por me mostrar que tudo é
possível.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar ao meu orientador, Professor Gonzalo Montenegro, por todo apoio, atenção e amizade, mas sobretudo por sempre acreditar em mim. Em um segundo lugar aos professores da banca pela orientação e confiança dedicada a este trabalho.

Aos meus colegas de curso, por todo apoio, e por fim, à minha família que lutou junto comigo para que este dia fosse possível.

NEHRING SOBRINHO, Cindy Aline. **Aspectos da Liberdade em Espinosa**. 2020. 28 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso licenciatura em Filosofia - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2020.

RESUMO

A Seguinte pesquisa é focada em destacar como se articula o conceito de liberdade em Espinosa. Aclarar a temática do suposto livre arbítrio, da servidão voluntária e dos diversos aspectos da liberdade, resulta em uma subdivisão entre Deus e o homem, buscando entender o porquê do homem procurar viver na submissão do que se auto rebelar em busca de sua liberdade. Visando essa perspectiva, se torna necessário iniciar por aclarar a temática da liberdade, segundo Espinosa, e focar na questão que tanto o inquietava: porque os homens lutam por sua escravidão como se fosse por sua liberdade. Contraindo-se com as definições e perspectivas em relação à liberdade e suas possíveis ramificações, visto que essa se divide em ao menos quatro pontos, a saber, a liberdade humana, a liberdade condicionada, a liberdade divina e a liberdade naturante. Logo, este trabalho visa elucidar uma resposta para as questões que derivam da liberdade espinosana.

Palavras-Chave: Deus, Liberdade, Servidão, Condicionamento.

NEHRING SOBRINHO, Cindy Aline. **Aspectos de la Libertad en Espinosa**. 2020. 28 páginas. Trabajo de Conclusión de Curso licenciatura en Filosofía - Universidad Federal de Integración Latinoamericana, Foz de Iguazú, 2020.

RESUMEN

La siguiente investigación está enfocada en destacar cómo se articula el concepto de libertad en Espinosa. Aclarar la temática del supuesto libre arbitrio, de la esclavitud voluntaria y de los diversos aspectos de la libertad, resulta en una subdivisión entre Dios y el hombre, que busca entender por qué el hombre busca vivir en la sumisión en vez de auto-revelarse en busca de su libertad. Apuntando en esa perspectiva, se hace necesario iniciar aclarando la temática de la libertad según Espinosa, y enfocarse en la cuestión que tanto lo inquietaba: porque los hombres luchan por su esclavitud como si fuera por su libertad. En contraposición con las definiciones y perspectivas en relación a la libertad y sus posibles ramificaciones, dado que esta se divide en al menos cuatro puntos, a saber, la libertad humana, la libertad condicionada, la libertad divina y la libertad naturante. Luego, este trabajo apunta a buscar una única respuesta para la libertad espinosana.

Palavras-Chave: Dios, Libertad, Esclavitud, Condicionada.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 LIBERDADE HUMANA E LIBERDADE CONDICIONADA.....	10
2.1 SERVIDÃO VOLUNTÁRIA, O OUTRO ASPECTO DA LIBERDADE....	18
2.1.1 LIBERDADE DIVINA E LIBERDADE NATURANTE.....	23
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
BIBLIOGRAFIA.....	27

1 INTRODUÇÃO

Dentro da filosofia espinosana é possível observar mais de um caminho que leva à liberdade. Assim como ela se distingue dentro das obras do filósofo, fazendo com que nasça mais de uma interpretação sobre o mesmo conceito. Em relação a isso temos diversos posicionamentos acerca do que poderia ser essa suposta liberdade. Portanto, esse trabalho foi dedicado em esboçar esses aspectos da liberdade, suas possíveis ramificações e diferenciações, realizando uma simbiose entre as diversas perspectivas para chegar na conclusão do que é, de fato, a liberdade em Espinosa.

A grande relevância dessa pesquisa é no quesito de que, diversas obras posteriores vieram estruturadas no pensamento espinosano, mas se esse pensamento é mutável de obra para obra, logo, algumas dessas podem estar equivocadas quanto à conclusão. Além disso, é de extrema importância entender com clareza a filosofia da liberdade, pois ela é a base da filosofia espinosana.

Dentro das obras do filósofo é possível encontrar quatro possíveis aspectos da liberdade a serem estudados. Sendo eles: (1) a liberdade humana, (2) a liberdade condicionada, (3) a liberdade divina e (4) a liberdade naturante. Quanto às duas primeiras é encontrada nos Tratados, o Político e o Teológico-Político, enquanto as duas últimas, na Ética e nos Pensamentos Metafísicos. E essas por sua vez, se dividem basicamente entre Deus e o Homem, na medida em que, estes se encontram dentro desses aspectos, e dentro dessas definições, de forma a se demonstrar no corpo da pesquisa suas correlações, mas também e principalmente suas diferenciações. Em suma, pretende-se esclarecer a ideia sobre cada uma dessas peculiaridades da liberdade em si e onde elas se conectam ou fazem parte uma da outra; podendo, por fim, demonstrar que mesmo quando fazem parte da mesma condição, ainda assim, elas se diferenciam entre si, principalmente quando as quatro ramificações se reduzem a duas expressões, quer dizer, a Deus e ao homem.

2 LIBERDADE HUMANA E LIBERDADE CONDICIONADA

O filósofo Holandês nascido em novembro de 1632, em Amsterdam, começou a sua formação na escola *Árvore da Vida*, onde eram aplicados estudos da bíblia e da história do povo judeu. Em seguida, frequentou a academia da Coroa e da Lei, pela qual passou a ter contato com alguns filósofos de raiz aristotélica. Nessa mesma instituição foi acusado de ateísmo com apenas vinte e quatro anos de idade, por apresentar uma visão de Deus que não ia de acordo com a já imposta e aceita pelas religiões. Passou a ser orientado pelo chefe espiritual da comunidade e diretor da Academia da Coroa e da Lei, a se retratar acerca de seu conceito de divindade, pois seus pensamentos eram totalmente novos e arrebatadores, causando grande confusão e revolta entre os fiéis. Contudo, opta por não se retratar, e diante desta decisão é convocado diretamente pela Sinagoga de Amsterdã. Após um intenso e malicioso julgamento tentaram fazê-lo confessar de que fosse ateu, percebendo tal intenção opta por sair da academia, e *“redige o opúsculo Apologia para justificar uma ruptura com a Sinagoga”* (Chauí, 2004, p. 07); e a partir dessa decisão, é excomungado e passa a ser acusado de ateísmo (1656) pela Igreja e por sua própria família.

Espinosa passou toda sua vida se escondendo e fazendo poucos amigos por defender uma ideia, por questionar a moral e a visão acerca de Deus e sua relação com o mundo. Acreditava que Deus não era um ser soberano provido de paixões, mas sim um ser livre de qualquer afecção humana. É mediante a todo esse contexto histórico, que o tema liberdade se torna de extrema importância para o filósofo, pois é a partir desse ponto que o mesmo se questiona até onde vai sua liberdade de pensamento, de expressão, de ser e de sentir. Chega, assim, à conclusão inicial de que não somos livres e que o livre arbítrio nada mais é do que uma ilusão.

Os homens enganam-se quando se julgam livres, e esta opinião consiste apenas em que eles têm consciência de suas ações e são ignorantes das causas pelas quais são determinados. O que constitui, portanto, a ideia da sua liberdade é que eles não conhecem nenhuma causa de suas ações (ESPINOSA, *Ética*, II, Prop. XXXV, Esc., p. 254).

Segundo o entendimento espinosano, os homens em sua grande maioria não se questionam sobre seus atos. Isto os leva a crer que agem por livre escolha e vontade, como se uma ação causada não levasse a outra e, assim, sucessivamente. Deste modo, toda atividade teria um único ponto de partida, que, não seria a livre escolha, mas sim, o efeito dominó de uma ação sobre outra determinada desde o início de sua vida, até que esse sujeito possa parar para pensar em porque essa ação e não outra. Mas, todavia, ressalta que se esse mesmo indivíduo estiver sendo dominado por suas paixões, esse raciocínio tão pouco vai lhe servir, pois seria apenas mais um resultado do impulso causado pelas paixões ou do próprio ato determinado desde o início por Deus.

(...) O homem está sempre necessariamente sujeito às paixões, que ele segue a ordem comum da Natureza e lhe obedece e que a ela se adapta tanto quanto o exige a natureza das coisas (ESPINOSA, Ética, IV, Prop. IV, Corol., p. 347).

Em outras palavras, o homem que queira se livrar de qualquer corrente causada pelas paixões, deveria se questionar sobre sua liberdade. Entretanto, tal questionamento, só é possível mediante a dosagem de nossas paixões, pois só assim o homem pode demonstrar seu amor pela liberdade que deveria amar tanto quanto ama sua própria vida. *“É honroso a seus olhos, não infame, morrer por uma boa causa, glorioso de dar a vida pela liberdade”* (ESPINOSA, 2014, p. 352), diz Espinosa.

Logo, se põe imensa dificuldade à possibilidade de um livre arbítrio, ou simplesmente uma ação que seja em sua totalidade livre por si só, visto que sua ação é determinada por Deus, ou mais exatamente pela necessidade da natureza divina *“Nada existe de contingente, antes, tudo é determinado pela necessidade da natureza divina a existir e agir”* (ESPINOSA, Ética, I, Prop. XXIX, p186). A ação é também governada pelas paixões que, todavia, não são dosadas. Isto nos leva diretamente ao questionamento espinosano relativo a como uma ação pode ser livre: como nós podemos ser livres? É possível ser livre, de fato? Até que ponto somos livres e até que ponto esse pensamento, esse instante já não estava predestinado pela vontade divina, ou simplesmente pelo percurso de nossas paixões?

Entre tantos questionamentos existe um a ser aclarado de imediato, que é, o que seria a paixão de fato segundo Espinosa? Segundo o filósofo holandês

a definição de paixão seria o mesmo que afecções *“Por afecção entendo uma ação; nos outros casos, uma paixão”* (ESPINOSA, *Ética III*, Def. III, p. 276). Sendo assim o termo paixão seria o mesmo que afecções da alma.

“Chamo de servidão a humana impotência para governar e refrear as afecções. Com efeito, submetido às afecções, não é senhor de si, mas depende da fortuna; sob cujo poder ele está, de tal modo que é muitas vezes forçado a seguir o pior, vendo muito embora o que é melhor para si.” (ESPINOSA, *Ética IV*, Prefácio, p. 341).

Para Espinosa as paixões são os motivos das causas da servidão humana, visto que são elas que sempre motivam os homens a agir, mas que todavia, cada um é motivado por uma em particular, seja ela a raiva, o ódio, a vingança, a avareza, o amor e assim por diante. *“A força de uma paixão qualquer, ou seja, de uma afecção, pode superar as outras ações do homem, ou seja, a sua potência”* (ESPINOSA, *Ética IV*, Prop. VI, p. 348). Portanto, somente um homem consciente de suas paixões e em harmonia com elas, poderia vir a ser livre. Ora não se trata do livre arbítrio, visto que essa ideia é impossível para Espinosa, senão livre nas suas ações e livre de saber que sua liberdade, no entanto, não é plena mas sim regida pela natureza naturante¹. Aliás, o próprio ponto de entender e aceitar que sua liberdade não é absoluta, já significa ser livre, ao menos livre da ideia de que é livre.

Aquele que, portanto, se empenha em governar as suas afecções e apetites só por amor a liberdade, esse esforçar-se-á, quanto possível, por conhecer as virtudes e as suas causas, e por encher a alma de alegria, que nasce do verdadeiro conhecimento delas; mas de modo algum se esforçará para contemplar os vícios dos homens, nem por os injuriar, nem por gozar da falsa aparência da liberdade. Aquele que observa com cuidado essas coisas (com efeito, não são muito difíceis) e as praticar, esse poderá. Certamente, num curto espaço de tempo, dirigir a maior parte das vezes as suas ações segundo o império da Razão (ESPINOSA, *Ética*, V, Prop. X, Escólio, p. 417).

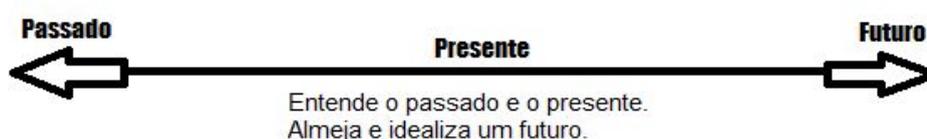
Outro ponto que se torna necessário aclarar é que não poderia existir um “livre-arbítrio”, pois essa seria apenas uma ilusão, toda vez que as ações possuem causas que não conhecemos. Produto do livre-arbítrio não se pode agir livremente, pois nesse caso não existe a total consciência da causa primeira das ações, ou seja, de Deus nas suas determinações tanto particulares quanto

¹ Natureza naturante, se refere a Deus; Termo melhor explicado na terceira seção deste trabalho.

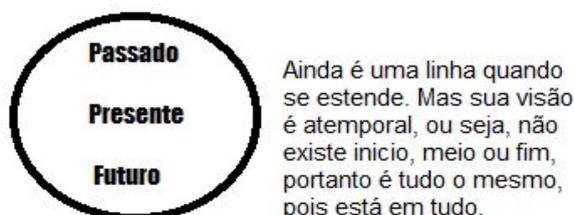
universais. Para formular uma noção mais precisa sobre Deus, e conseguir se aproximar deste raciocínio, basta que o imagine tendo a visão da linha temporal como se fosse uma única coisa, pois para Deus não existe, início, meio ou fim, apenas o todo, decorrência da sua natureza infinita e eterna.

Nenhuma duração pode ser atribuída a Deus, pois, visto que seu ser é eterno, isto é, que nele não pode haver nem antes nem depois, não lhe podemos atribuir a duração sem destruir o conceito verdadeiro que temos de Deus, pois ao atribuir-lhe duração, com efeito, nós dividimos em partes aquilo que é infinito por sua natureza e que só pode ser concebido como infinito. (ESPINOSA, 2004a, p. 58; ver também Ética, I, Prop. XXI)

Para o Homem



Para DEUS



2

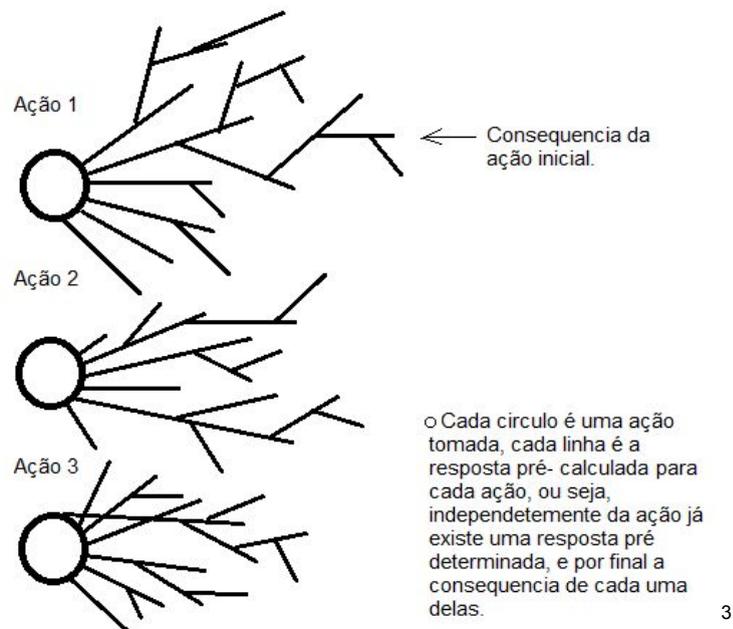
Logo, Deus está em todo lugar, e está presente tanto no passado, no futuro quanto no agora, o que faz com que seja uma entidade imanente à natureza como um todo. Aceitar essa ideia envolve anular a questão do livre-arbítrio, na medida em que tudo já está determinado por Deus em uma linha temporal, mas sem que se intervenha em nenhuma vida em particular, mas sim em um conjunto.

² Imagem autoral representativa, da visão do homem versus a de Deus sobre o tempo e a impossibilidade do livre-arbítrio.

Se se perguntar agora como provaremos que Deus está em toda parte, respondo (...) que nada pode existir, nem mesmo por um instante sem que sua existência deixe de ser criada a cada instante por Deus. (ESPINOSA, 2004a, p. 64)

Quer dizer que a suposta liberdade em que acreditamos possuir não passa de uma liberdade condicionada, e com condicionada deixo claro que é um modelo muito similar a quando um homem é condenado, mas ganha uma suposta liberdade, onde ir e vir tem que ser anunciado. Nesse caso o ir e vir não necessita de anúncio, mas sim, da determinação de causas que vinculam uma ação futura a uma anterior na ordem comum da natureza. Um bom exemplo da noção de liberdade condicionada que temos é a de um tabuleiro de xadrez, onde um jogador é um humano e o outro é uma máquina (computador), independentemente do movimento que o humano fizer a máquina já tem uma resposta imediata para tal ação, tanto uma resposta imediata quanto dezenas de outras pré-calculadas. Não que essa ação em si estivesse predestinada, mas sim calculada dentre todas as ações possíveis, isso quer dizer que, independente da ação, já existe uma outra como resposta imediata e assim por diante, assumindo portanto a impossibilidade de uma ação livre. O ponto é que no xadrez escolhemos com qual peça iniciar, possuímos essa vantagem, mas nas nossas ações, não iniciamos com essa perspectiva, muito pelo contrário, se leva anos para começar a entender que uma ação leva a outra. No entanto, isso só quando se entende, pois a grande maioria leva uma vida toda crendo que suas ações são livres e não respostas de uma outra já iniciada anteriormente.

O homem é livre não porque seria dotado de livre-arbítrio para escolher entre alternativas igualmente possíveis, mas por ser uma parte da natureza divina, dotado de força interna para pensar e agir por si mesmo (CHAUÍ, 1995, p. 10).



Ora, de fato o que vimos até aqui não é propriamente o pensamento espinosano em si, mas sim, várias ideias aplicadas sobre seu pensamento, onde existe um certo vício de incorporar o termo liberdade, como se ele tivesse em conta o mesmo que se entende por liberdade em sentido corriqueiro e em qualquer contexto. Entretanto, não é errado aplicar tais conceitos ao filósofo, apenas é um tanto prematuro, visto que para ele é algo muito mais profundo e complexo do que simplesmente um termo de uso comum. Com efeito, atentando-se ao planteio em Espinosa, existe somente a necessidade, que é conhecer como somos determinados, *“Diz-se livre o que existe exclusivamente pela necessidade da sua natureza e por si só é determinado a agir”* (ESPINOSA, *Ética I, Explicação VII*, p. 151) quer dizer, na necessidade nos tornamos livres, levando ao ponto de que, liberdade é a maneira de como somos afetados pelas ações.

No que diz respeito ao significado do termo liberdade para Espinosa, ou com o que ele está ligado, seria em suma a inteligência. *“A potência da alma é definida só pela inteligência”* (ESPINOSA, *Ética V, Prefácio*, p. 409), diz Espinosa, pois somente um homem inteligente é capaz de domar suas paixões: *“A força de uma paixão qualquer, ou seja, de uma afecção, pode superar as outras ações do homem”* (ESPINOSA, *Ética IV, Prop. VI*, p. 348), e somente um indivíduo

³ Imagem autoral representativa, da liberdade condicionada do homem, onde se apresenta detalhadamente a impossibilidade de uma ação livre, visto que, para toda ação, existe uma resposta pré-calculada, e isso implica em que, cada ação independente de qual seja, já existe uma resposta imediata para a mesma.

que faz uso de sua inteligência é capaz de viver em harmonia consigo e com os outros *“Na medida em que a alma conhece as coisas como necessárias, tem maior poder sobre as afecções”* (ESPINOSA, *Ética V*, Prop. VI, p. 412). Sendo assim, quanto maior for a inteligência para a dosagem das paixões mais próximo estará da perfeição divina, pois somente Deus não é afetado por nenhuma forma de sentimento humano, e o mais próximo que podemos chegar a essa perfeição seria necessariamente a temperança de nossas afecções: *“Deus está isento de paixões e não é afetado por nenhuma afecção”* (ESPINOSA, *Ética V*, Prop. XVII, p. 419). Assim, a liberdade humana, dentro do que foi tratado até o momento, consistirá no eterno amor para com Deus, na inteligência e na dosagem de nossas afecções que são paixões.

Compreendemos claramente em que consiste a nossa salvação, ou seja, a nossa felicidade ou liberdade, a saber: num amor constante e eterno para com Deus, por outras palavras, no amor de Deus para com os homens. (ESPINOSA, *Ética V*, Prop. XXXVI. Escólio, p. 430)

A liberdade em Espinosa não é tratada como a simples ideia de que uma ação é livre – pois, como visto anteriormente, ela é impossível –, mas sim optar por viver o mais livre possível dentro da sociedade de acordo com suas regras. Ou seja, tendo a noção de que não existe uma liberdade em si, optar por seguir as regras e poder ser livre dentro da impossibilidade de ser livre, visto que é necessário seguir pela razão e poder usufruir da liberdade na medida em que ela é nos dada dentro de uma sociedade, em outras palavras, aceitando a ideia do condicionamento, pois é mais inteligente escolher seguir as regras e poder viver em harmonia com os demais.

O homem que é conduzido pela Razão é mais livre na cidade, onde vive segundo as leis comuns, do que na solidão, onde obedece só a si mesmo (...). O homem que é conduzido pela Razão não é conduzido a obedecer pelo medo; mas, na realidade em que se esforça por conservar o seu ser segundo o ditame da Razão, isto é, na medida em que se esforça por viver livre, deseja ter em conta a vida e a utilidade comuns, deseja viver segundo as leis comuns da cidade. Logo, o homem que é conduzido pela Razão, para viver mais livremente, deseja observar os direitos comuns da cidade. (ESPINOSA, *Ética IV*, Prop. LXXIII, Demonstração, p. 395).

Dito isso, passo agora para o próximo passo. Já esclarecemos os limites da liberdade referida ao homem e a impossibilidade de um livre-arbítrio.

Evidenciamos, também, que mesmo que possamos ter uma suposta liberdade agindo de acordo com as regras morais e civis, todavia não possuímos liberdade, pois apenas é mais correto agir pela Razão e poder ser livre dentro de uma sociedade, do que enjaulado por ela. Assim sendo, é correto afirmar que a liberdade enquanto humana é condicionada, quer dizer que é tanto condicionada pelos homens, a partir das regras de condutas relacionadas com a ética e a moral dentro de uma sociedade, como também condicionada pela ação divina, visto que nossas ações são determinadas a todo instante. Logo, nossa impossibilidade de ser livre é o que nos torna livres, pois, a partir do momento que se toma consciência das causas da ação, as paixões, é provável que se encontre a luz para se obter a liberdade por meio da temperança. Todavia, vale ressaltar que, nem toda ação depende somente de nós, e é por esse motivo, que devemos ter consciência das causas de nossas ações, para que assim outra pessoa possam vir a tomar conta de suas ações e sucessivamente, até que por fim seria possível alcançar a plena liberdade, ou ao menos, se aproximar o máximo possível dela. Mas, para tanto, é necessário levar em conta que só uma vez que sou responsável pelas paixões, passo a ser responsável pelas ações.

É por esse motivo que Espinosa afirmava que o homem inteligente é aquele que preserva as amizades, dado que, o homem livre sempre irá preservar seu amor a amizade e, fortalecer esse laço o máximo possível, pois, só pode existir verdadeira amizade se existir verdadeira liberdade em ambos sujeitos.

Só os homens livres são utilíssimos uns aos outros e se ligam uns aos outros pelo laço mais estreito de amizade e se esforçam, por um movimento de amor igual, por fazerem bem uns aos outros; e, por conseguinte, só os homens livres são gratíssimos uns para com os outros. (ESPINOSA, Ética IV, Prop. LXXI, Demonstração, p. 394).

Por fim, no que se refere a essa primeira parte da pesquisa, tentamos explicar e detalhar o máximo possível, sobre a condição humana referente à liberdade, de demonstrar como ela é condicionada e sobretudo como a liberdade humana e a liberdade condicionada estão relacionadas de uma forma intrínseca. Assim, o uso da Razão pode trazer a luz para a liberdade, ou seja, de aceitar que não se pode obter a mesma em sua totalidade, e de como o homem inteligente opta por seguir as regras morais para poder viver com tranquilidade e liberdade dentro de uma sociedade. Já compreendidas essas questões, passamos agora para a

segunda parte, onde pretendemos elucidar as questões da servidão humana, e de entender o porquê que os homens lutam por sua escravidão como se fosse por sua liberdade.

2.1 SERVIDÃO VOLUNTÁRIA, O OUTRO ASPECTO DA LIBERDADE.

“Pela decisão dos anjos e julgamento dos santos, excomungamos, expulsamos, execramos e maldizemos Baruch de Espinosa... Maldito seja de dia e maldito seja de noite; maldito seja quando se deita e maldito seja quando se levanta; maldito seja quando sai, maldito seja quando regressa... Ordenamos que ninguém mantenha com ele comunicação oral ou escrita, que ninguém lhe preste favor algum, que ninguém permaneça com ele sob o mesmo teto ou a menos de quatro jardas, que ninguém leia algo escrito ou transcrito por ele”. (Comunidade judaica de Amsterdam *apud* CHAUI, 2004, p. 05)⁴

Dentro do contexto histórico de Espinosa (apresentado na seção anterior), o mesmo passa a observar que os homens muitas vezes lutam por sua servidão e, mais do que isso, pretendem obrigar aos outros a lutarem pela mesma. Caso contrário, aquele que não aceita tais termos é excluído de um determinado grupo de pessoas. Iniciaremos pelos que servem voluntariamente a Deus, e creem que existe a necessidade dessa servidão, de outro modo, seriam castigados eternamente. Em outras palavras, os que se dizem fiéis, afirmam que o ser mais supremo desse universo, se agrada com sacrifícios, louvores e com a total servidão e devoção humana. Julgam-se melhores e mais evoluídos espiritualmente que os demais e, de fato, sua vida, toda a sua existência transcorre com a finalidade de adoração, senão corre-se o risco do castigo divino. Nesse caso, está envolvida a ideia de recompensa, esperança e medo, logo, afirma Espinosa, não se pode ter amor verdadeiro quando estão envolvidas tais paixões. Isso implicaria que este servo, além de servir em vão, não é movido pelo amor a Deus, mas somente pela superstição.

Com efeito, a esperança não é senão uma alegria instável, nascida da imagem de uma coisa futura ou passada, de cujo resultado duvidamos; o medo, ao contrário, é uma tristeza instável, nascida também da imagem de uma coisa duvidosa.(ESPINOSA, Ética II, Prop. XVIII, Escólio II, p. 291)

⁴ Texto utilizado na excomunicação de Espinosa em 1656.

Sendo assim, o verdadeiro amor para com Deus não envolve o medo, e menos a ideia de que fazer algo bom através do medo o trará algum benefício futuro. Muito pelo contrário, quem assim fizer estará vivendo na escravidão voluntária, ou seja, não será dono de si, nem de suas ações. *“Aquele que é levado pelo medo e que faz o bem para evitar o mal não é lavado pela razão”* (ESPINOSA, Ética IV, Prop. LXII, p. 388). Mas com efeito, os homens são levados a tais pensamentos por outros que se autodenominam líderes, mas de fato o único que estes oferecem, nada mais é do que angústias e a crença de que todo o sofrimento será recompensado e que faz parte de um plano maior, contudo, a única coisa que provocam é mais dor e tristeza. Estão tão convencidos da necessidade de tal angústia para alcançar a divindade que se rebelam com os demais que tentam lhe oferecer um caminho para a liberdade e para a paz. Espinosa os chama de supersticiosos.

Os supersticiosos que sabem mais censurar os vícios que ensinar as virtudes e que não procuram conduzir os homens pela Razão mas contê-los pelo medo de tal maneira que evitem mais o mal que amem as virtudes, não pretendem outra coisa que tornar os outros tão infelizes como eles; e, por conseguinte, não é de admirar que eles sejam, a maior parte das vezes, insuportáveis e odiosos aos homens (ESPINOSA, Ética IV, Prop. LXIII, Escólio, p. 389).

Dito isso, é necessário ressaltar que, Deus tão pouco irá castigar ou recompensar qualquer ação humana, visto que, Deus é um ser sumamente perfeito, e sendo assim, não poderia ser afetado por paixões terrenas, quer dizer que para ele não existe a ideia de certo ou errado, de bem ou de mal, pois esses são apenas conceitos formados e aceitos pelos homens para julgar o que é, e o que não é correto: *“Chamamos bem ou mal aquilo que nos é útil ou prejudicial à conservação do nosso ser”* (ESPINOSA, Ética IV, Prop. VIII, Demonstração, p. 349). Todavia, esses juízos são extrínsecos a Deus. *“Deus, propriamente falando, não ama nem tem ódio a ninguém. É que Deus não é afetado por nenhuma afecção”*. (ESPINOSA, Ética V, Prop. XVII, p. 419).

Neste ponto fica clara a ideia de finalidade da ação humana, melhor dizendo, o homem é guiado em sua ignorância a crer que existe uma causa final para suas ações. De acordo com isso, julga algo como próprio do bem ou do mal e estende essa compreensão a toda ação e descobre em Deus o motivo da finalidade

em tanto causa última. É levado, portanto, a agir de acordo com o que lhe é falado e proposto, sem nem ao menos se questionar sobre tal ponto, apenas buscando a finalidade da glória divina. Entretanto, para Espinosa a causa final é uma ideia humana totalmente equivocada, visto que na natureza não existe finalidade para as coisas, “ (...) a Natureza não age em vista de um fim” (ESPINOSA, *Ética IV*, Prefácio, p. 342). Tudo apenas é por que faz parte da natureza e depende da ordem que determina o que existe e, de forma decorrente, nossas ações. Daí a colaboração estreita entre as ilusões da finalidade e do livre arbítrio. Por isso, não deveríamos aplicar tais conceitos sobre nossas ações, apenas ser enquanto sujeitos e buscar harmonia com um todo, sem viver em busca de uma finalidade ilusória. Todavia, é necessário ressaltar que uma ação sempre leva a outra, mas isso não deve ser confundido com a ideia de que as ações possuem finalidades em si. De fato, Espinosa aponta Deus como causa de tudo, fazendo uma ramificação em oito partes, mas, em nenhuma delas o identifica com a causa final.

Posto que é comum dividir a causa eficiente em oito partes, convém que investiguemos, então, como e de que maneira Deus é causa. 1(...) ele é causa imanativa ou produtiva (...); 2 (...) causa imanente e não transitiva (...); 3 (...) causa livre e não natural (...); 4 (...) causa por sí só e não por acidente (...); 5 (...) causa principal (...); 6 (...) Causa primeira ou iniciante (...); 7 (...) causa universal (...); 8 (...) causa próxima (ESPINOSA, 2012 , p. 70-71)

Com isso esclarecido, se finaliza o primeiro ponto abordado inicialmente neste tópico, a servidão voluntária para com o que se acredita ser Deus. Entretanto, se torna necessário ressaltar que, em um primeiro momento essa servidão não é em sua totalidade voluntária, mas sim, imposta por outros que creem que é o correto a se fazer. Depois de um determinado momento, passa a ser voluntária, visto que o homem pode vir a se rebelar contra ela, e iniciar sua busca pela verdadeira liberdade e pela paz, mas não o faz. Por fim, tal servidão é irrelevante e desnecessária, pois, não irá existir uma recompensa, a única recompensa que há, é viver dentro dos ditames da Razão, e sempre escolher a melhor ação possível dentro da realidade de cada um: é buscar a sabedoria divina, a paz e a felicidade, para assim então poder ser livre das correntes da aflição, do medo e da tristeza.

Passo, portanto, para o segundo ponto a ser esclarecido neste capítulo. Como a servidão voluntária pode ser um aspecto da liberdade? Na seção

anterior deste capítulo foi apresentado como a servidão em busca da liberdade divina é desnecessária para o homem, quer dizer, a busca pela recompensa da glória eterna ao lado de Deus é irrelevante, visto que o homem vive na servidão divina buscando uma finalidade. No entanto, Deus em si não possui nem é causa final. Sendo assim, é correto afirmar que, tais homens vivem em uma servidão voluntária insignificante para a sociedade e para si mesmos. Pois para ser relevante dentro de uma comunidade é necessário buscar viver honestamente e com virtude, para assim poder elevar o seu espírito e poder estar em harmonia com os demais. Todavia, a pergunta persiste; Como a servidão voluntária poderia nos conduzir até a liberdade? Primeiramente, não se trata de fato de uma servidão no sentido literário da palavra, mas sim no figurado. Em outras palavras, o homem sábio escolhe pela razão viver dentro das leis e normas morais de um Estado, e não sozinho por querer se rebelar contra o mesmo, mas sim, para poder aproveitar sua liberdade sem desrespeitar as ordens do soberano ou dos líderes locais, buscando uma harmonia consigo e com outros. Todavia, é necessário evidenciar que, esse homem não está abrindo mão de seus pensamentos, julgamentos e ideais, apenas, opta por inteligência viver dentro dos ditames morais, com a finalidade de poder gozar de sua liberdade, dentro do que é possível ser livre, sem ultrapassar a ninguém e a nenhuma ordem ou lei.

É, pois, somente ao direito de agir por seu próprio decreto que ele renunciou, não ao de pensar e de julgar. Ninguém, na verdade, pode agir por sua vontade sem perigo para o direito do soberano, mas pode-se com inteira liberdade opinar e julgar e, conseqüentemente, também falar, desde que não se vá além da palavra e do ensinamento, e que se defenda sua opinião apenas pela razão, não pela astúcia, pela cólera ou o ódio, nem com intenção de mudar o que quer que seja no Estado, por sua exclusiva autoridade (ESPINOSA, 2014, p. 348).

No que diz respeito ao soberano, esse também deve governar com inteligência e guiado pela razão, sem buscar provocar os demais, não se deve ser extremamente rígido, nem exaltado, apenas buscar entrar em um consenso com todos, para que não haja nenhum tipo de resistência entre os homens e as ordens. *“Quanto mais se cuidar de sequestrar a liberdade de expressão dos homens, mais obstinadamente eles resistirão” (ESPINOSA, 2014, p. 351).* Portanto, a liberdade de pensamento nunca deve ser restringida pelo Estado e menos ainda constrangida.

Ela deve ser tida como uma forma de virtude humana: “(...) a liberdade de pensamento, que na realidade é uma virtude, devendo ser admitida, e não constrangida.” (ESPINOSA, 2014, p. 350). Dito isto, fica claro que, o soberano não deve limitar os sujeitos, mas sim, buscar um equilíbrio entre todos juntamente com as normas, não se deve governá-los pelo medo, mas sim pela razão. O soberano deve ser um moderador e não um ditador.

Assim, um governo será mais violento ao negar ao indivíduo a liberdade de dizer e ensinar o que pensa; ao contrário, um governo é moderado quando essa liberdade é concebida ao indivíduo. (...) resulta evidente que sua finalidade última não é a dominação; não é para manter o homem sob o medo e fazer com que ele pertença a um outro que o Estado foi instituído. Ao contrário, é para liberar o indivíduo do medo, para que ele viva tanto quanto possível em segurança, ou seja, conserve tanto quanto possível, e sem dano a outrem, seu direito natural de existir e de agir. (ESPINOSA, 2014, p. 347).

Portanto, como sujeito racional, é mais correto buscar uma simbiose entre liberdade e obediência, já que a liberdade hipoteticamente total é ilusória, restando apenas seguir vivendo de acordo com as leis (naturais e civis) para poder vir a ser livre como sujeito dentro de uma sociedade “Logo, o homem que é conduzido pela Razão, para viver mais livremente, deseja observar os direitos comuns da cidade” (ESPINOSA, *Ética IV, Prop. LXXIII, Demonstração*, p. 395). Vale ressaltar que não estamos falando de uma obediência movida pelo medo ou pela complacência, se trata apenas de uma obediência para a liberdade dentro do Estado buscando conservar o estado natural do indivíduo. Ou seja, é uma concordância do indivíduo consigo mesmo para se obter liberdade ao viver entre os demais.

Para fins de esclarecimento o Estado deve proporcionar liberdade de pensamento e expressão para os indivíduos “Logo, a finalidade do Estado é a liberdade” (ESPINOSA, 2014, p. 347), e os mesmos devem estar seguindo as ordens e as leis, somente assim é possível viver e governar livremente, sem ferir o estado natural de nenhuma das partes.

Para que a fidelidade, e não a complacência seja julgada digna de estima, para que o poder do soberano não sofra qualquer diminuição, não tenha nenhuma concessão a fazer as sediciosos, é preciso necessariamente conceder aos homens a liberdade de

juízo e governá-los de tal maneira que, professando abertamente opiniões diversas e opostas, vivam ainda em concórdia. E não duvidar que esta regra de governo não seja a melhor, pois é a que melhor concorda com a natureza humana. (ESPINOSA, 2014, p. 353).

Por fim, com esse ponto aclarado deixamos evidente a ideia de como uma servidão voluntária poderia vir a ser um aspecto da liberdade. Em suma, é necessário ceder às ordens do Estado para poder existir dentro dele e fazer o uso da liberdade de expressão que nos é concedida por natureza. Ainda assim, o soberano deve, também, agir pela razão, pois somente assim é possível desfrutar dessa liberdade de forma natural. Quer dizer, servimos ao soberano e seguimos as leis, condutas morais e civis do Estado por escolha, por fazer o uso da razão e optar por estar livre. Essa dimensão da servidão voluntária, portanto, representa a escolha de estar livre, de seguir a razão, de viver em equilíbrio; é escolher fazer parte de uma comunidade como um membro, é escolher poder desfrutar das amizades, é por fim o poder de escolha através da inteligência.

2.1.1 Liberdade Divina e Liberdade Naturante.

Foi demonstrado nas seções anteriores a liberdade do que diz respeito ao homem, ou seja, a liberdade humana e, também, a questão da servidão. No que se refere a esta terceira seção explicaremos a liberdade divina e por que Deus é livre, e a sua relação com a liberdade Naturante. Dito isso, passemos agora para a explicação.

Deus é o único ser que possui liberdade absoluta, pois é o único que é causa de si próprio e não por outra coisa: *“Deus é causa por si, e não por acidente* (ESPINOSA, *Ética I, Prop.XVI, Corolário II, p. 172*). Somente ele concebe sua própria essência e existência *“A existência de Deus e a sua essência são uma e a mesma coisa (...) aquilo que constitui a essência de Deus constitui ao mesmo tempo a sua existência”* (ESPINOSA, *Ética I, Prop. XX, Demonstração, p. 178*). Por não depender de mais nada além de si próprio para existir, resulta também ser causa livre: *“Deus é causa livre (...) que consiste a verdadeira liberdade.”* (ESPINOSA. 2012, p. 70). Sendo assim, ele age livremente por necessidade de sua natureza *“(…) Deus existe pela única necessidade da sua natureza e age somente pela necessidade da sua natureza; pelo que só ele é causa livre”* (ESPINOSA, *Ética*

I, Prop. XVII, Corolário II, p. 173). Com isso, a liberdade divina se identifica à ordem da natureza responsável pela determinação de nossos atos – o que, explicamos no começo, torna ilusória a liberdade do arbítrio. Esclarecido este ponto, se torna claro que a liberdade Divina, Deus, não poderia ser outra coisa a não ser livre por tudo o que foi dito anteriormente.

No que concerne a liberdade da Natureza Naturante, seria em suma o mesmo que a liberdade divina. É válido ressaltar que, Espinosa aponta mais um tipo de liberdade que estaria propriamente relacionada com a liberdade da natureza – decorrente de Deus. Essa é a denominada Natureza Naturada que, por sua vez, seria a necessidade da Natureza de Deus. Não trataremos desta segunda aqui, apenas se deve ter clareza da distinção de ambas, para que não haja qualquer tipo de confusão posteriormente.

(...) deve entender-se por Natureza Naturante o que existe em si e é concebido por si, ou, por outras palavras, aqueles atributos da substância que exprimem uma essência eterna e infinita, isto é, Deus, enquanto é considerado como causa livre.

Por Natureza Naturada, porém, entendo tudo aquilo que resulta da necessidade da natureza de Deus, ou, por outras palavras, de qualquer dos atributos de Deus, isto é, todos os modos dos atributos de Deus, enquanto são considerados como coisas que existem em Deus e não podem existir nem ser concebidas sem Deus. (ESPINOSA, Ética I, Prop. XXIX, Escólio, p. 187).

Naturante  Aquilo que dá a Natureza

Naturada  Aquilo pelo qual participa da Natureza

5

Portanto, se pode afirmar a relação direta de Natureza Naturante com Deus. E se é correto afirmar que Deus é livre (por tudo o que foi dito anteriormente), também é correto afirmar que tal natureza é livre, visto que não existe distinção entre Deus e essa Natureza, que seria propriamente falando a natureza de Deus e, por sua vez, não poderia ser outra coisa a não ser livre. Enquanto todas as demais coisas são parte da Natureza Naturada, ou seja, são aquelas que necessitam da Natureza de Deus para existir, como por exemplo o

⁵ Imagem autoral representativa, para fins de explicações sobre o sufixo das palavras.

homem, e conseqüentemente, não possuem a liberdade divina, pois depende de outra coisa para existir. Em suma, para estes que não pertencem a Liberdade da Natureza Naturante, não podem vir a possuir tal liberdade, por sempre dependerem de outro para ser concebido, porque sua essência não é infinita e menos ainda eterna.

Em síntese, no que diz respeito à liberdade Divina e da Natureza Naturante, ficou esclarecido o que se pretendia demonstrar nesta terceira sessão, sobre sua correlação intrínseca e como não pode ser de outra maneira.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa tratou de elucidar as questões acerca da liberdade em Espinosa e as suas ramificações, foi demonstrado em três seções suas diferenciações e aproximações. Buscando desenvolver os quatro aspectos da liberdade a serem tratados, a saber; (1) a liberdade humana; (2) a liberdade condicionada; (3) a liberdade divina, (4) a liberdade naturante e, por fim, a convergência das últimas.

Na primeira seção, foi explanado acerca da liberdade humana e a liberdade condicionada, quer dizer, de como a liberdade humana é condicionada, e da impossibilidade de um livre-arbítrio, visto que, os homens não tem noção da causa primeira de sua ação, levando-os a agirem pelas paixões ou simplesmente a serem levados pelo curso da vida. Para mudar essa realidade é necessário que se tome consciência da ação primeira. Entretanto, é impossível ter tal noção visto que, não possuímos essa vantagem de percepção. Mas o que é possível de se fazer é optar ser guiado pela razão e buscar viver em harmonia com os demais, procurar se ligar com os homens através da amizade, visto que, só é possível possuir verdadeiros amigos entre pessoas igualmente livres. Claro, a liberdade tratada aqui é no quesito de aceitação do condicionamento dessa liberdade, já que, a liberdade enquanto humana não pode ser absoluta, restando apenas aceitar essa impossibilidade e viver o mais livre possível dentro da sociedade, fazendo o bom uso da razão na liberdade de expressão. Quer dizer, entender que não se pode ser livre de maneira divina e/ou absoluta, é poder ser livre na sociedade enquanto homem, ao menos livre da ideia de que é livre e, assim, poder viver tranquilamente entre os demais.

Em suma, no que tange a essa primeira parte ficou claro que a liberdade humana é condicionada pela liberdade Divina, não podendo ser de outra forma e que o mais sábio a se fazer é aceitar e entender essa impossibilidade, é obter a capacidade para poder fazer a dosagem das paixões, para assim, poder viver pela razão fazendo o uso da liberdade que é concedida.

No que diz respeito à segunda parte, foi tratado acerca da servidão humana como sendo um outro aspecto da liberdade, e de como a servidão poderia vir a ser liberdade. Contudo, é fundamental que primeiramente se inicie por apontar que, segundo Espinosa, Deus não possui uma distinção entre certo e errado, pois ele sendo um ser sumamente perfeito não poderia ser dotado de paixões. A ideia de bem e mal é uma característica humana aplicada sobre uma divindade, pois dessa forma é mais fácil de manipular os homens que estão submergidos pelo medo e angústia, que procuram e lutam pela glória eterna, crendo que Deus age visando um fim e por esse mesmo motivo, entregam toda a sua vida em devoção a Deus com a finalidade de recompensa. Entretanto, como foi demonstrado, Deus é causa de tudo, até de si próprio, menos da causa final. Logo, Deus não age visando uma finalidade, tudo é porque está inserido na ordem necessária da natureza e, sendo assim, a servidão voluntária para com Deus é irrelevante, tanto para Deus quanto para si próprio.

Todavia, a servidão pode vir a ser concebida como liberdade quando se coloca a mesma na sociedade, em servir ao Estado e ao Soberano, pois como já dito anteriormente, o homem sábio escolhe, pela razão, viver dentro das leis e normas morais de um Estado. Este evita a solidão de querer se rebelar contra o Estado e busca poder aproveitar sua liberdade sem desrespeitar as ordens do soberano, buscando uma harmonia entre si e demais. Quer dizer, é mais correto e coerente servir ao Estado e poder viver dentro da cidade no livre exercício do pensamento. Por conseguinte, a servidão voluntária, se trata de escolher estar livre, de usufruir da liberdade que nos foi concebida por natureza e de ser guiado pela razão através do uso da inteligência, e isso implica em servir as leis e normas morais estabelecidas pela sociedade civil ou Estado.

Enquanto que na terceira seção é tratado sobre a Liberdade Divina e a Liberdade Naturante, trazendo para o texto explicações acerca da Natureza Naturante e da Natureza Naturada, e de como que a liberdade Divina é a mesma que a liberdade da Natureza Naturante. Se a natureza de Deus é a própria Natureza

Naturante já fica claro que ambas são uma única e mesma coisa, e essa por sua vez não poderia ser outra coisa a não ser livre. No que se refere a distinção entre ambas as naturezas, se trata da distinção entre a natureza de Deus e a Natureza daquilo que pertence a Deus, quer dizer, entre a Natureza Naturante e a Natureza Naturada. Esta descreve o que depende de Deus para existir, ou seja, que não se cria, mas que é criada. Enquanto que a Naturante é a Natureza de Deus enquanto causa livre. Consequentemente, o homem faz parte da Natureza Naturada, por necessitar de outro para ser concebido e é, por esse mesmo motivo, que não possui liberdade divina, pois, tudo aquilo que depende de outra causa para existir não pode pertencer a tal modo de liberdade. Enquanto que Deus é livre justamente pelo contrário, pois é concebido por si próprio, necessitando apenas de sua própria natureza para existir.

Resumidamente, a Natureza Naturante é a natureza de Deus e sendo assim pertence a liberdade divina, não podendo ser de outra maneira, enquanto que a Natureza Naturada é a necessidade da natureza de Deus (a ordem da natureza) e, portanto, não pertence ao aspecto da liberdade divina e nem nada que esteja dentro dela.

Em conclusão, os quatro aspectos de liberdades que encontramos em Espinosa é possível convergem em dois, quais são a distinção entre Deus e o homem. Sendo que, Deus possui liberdade Divina por ser causa de si próprio, e que o homem como não é causa de si não pode vir a pertencer a essa liberdade, restando apenas a liberdade condicionada, onde se é mais racional se viver de acordo com a razão para poder desfrutar da liberdade em sociedade.

BIBLIOGRAFIA

CHAUI, Marilena. **Espinosa uma filosofia de liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.

CHAUI, Marilena. **Baruch de Espinosa Vida e Obra**. Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 2004.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 2004.

ESPINOSA, Baruch. **Pensamentos Metafísicos**. Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 2004a.

ESPINOSA, Baruch. **Tratado Político**. Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 2004b.

ESPINOSA, Baruch. **Tratado Teológico-Político**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ESPINOSA, Baruch. **Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar**. São Paulo: Autêntica Editora, 2012.